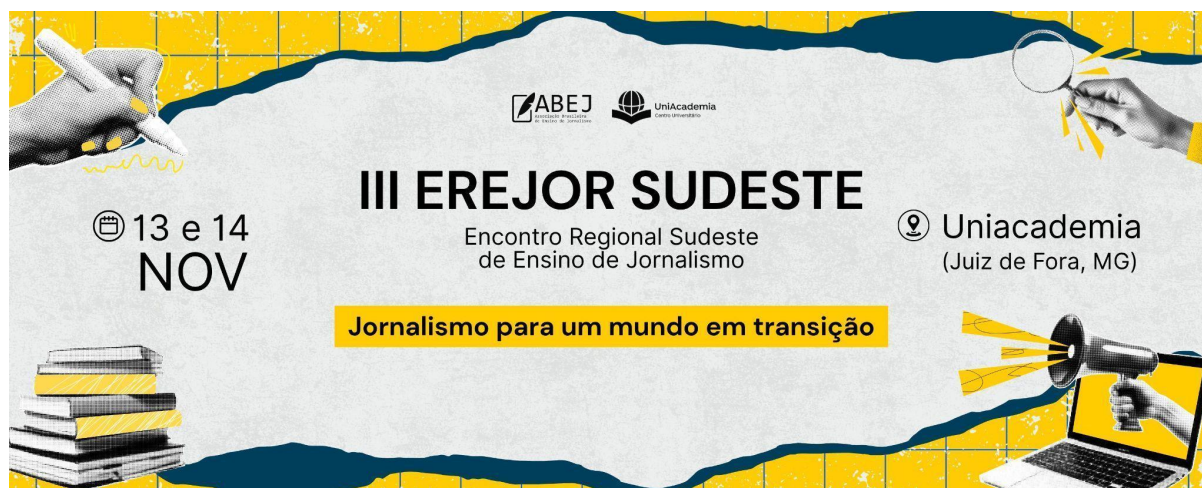




Mudando o rosto da informação? A diversidade cultural da bancada do Jornal Nacional nos 50 anos da TV Globo¹

Michelly Espíndola Castro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)²

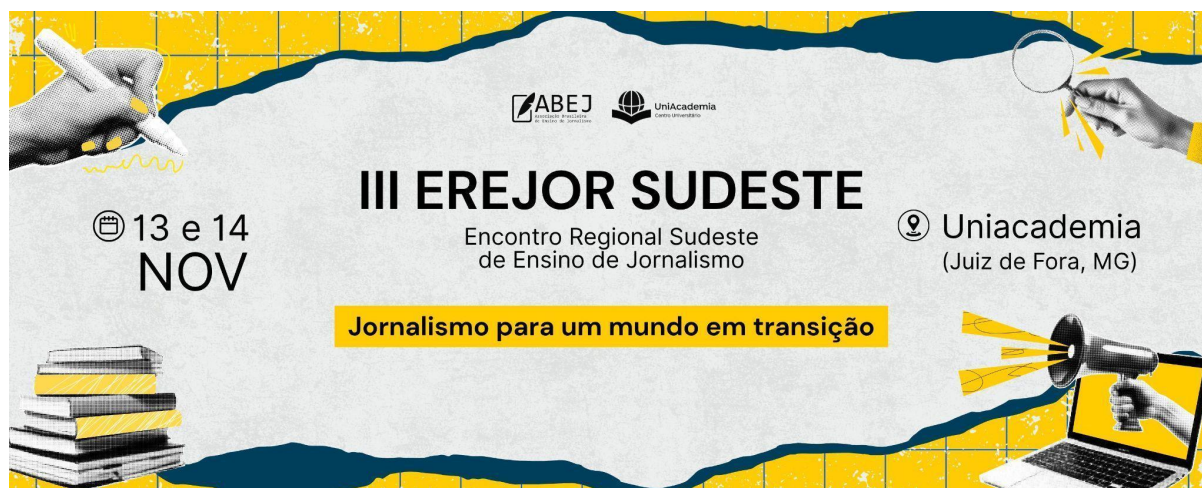
Palavras-chave: Telejornalismo; Representatividade; Jornal Nacional.

O presente trabalho analisa a representação da diversidade cultural e regional no telejornalismo brasileiro a partir da comemoração dos 50 anos do Jornal Nacional, da TV Globo, em 2019. O tema se mostra relevante diante das transformações vividas pelo jornalismo contemporâneo, que precisa conciliar credibilidade, inovação tecnológica e pluralidade identitária em um mundo em transição. O objetivo central é compreender de que forma o rodízio de apresentadores(as) promovido pela emissora simbolizou um avanço na busca por representatividade e reconhecimento das múltiplas vozes que compõem o Brasil, bem como as permanências ou rupturas dessa ação.

A proposta de artigo foi estruturada com base em análise de duas edições do JN, nas datas de 31 de agosto e 19 de novembro de 2019, vídeos e reportagens sobre a comemoração aos 50 anos do noticiário, bem como revisão bibliográfica que aponta um deslizamento das telas da TV para o ambiente digital e diversidade cultural.

¹Trabalho submetido ao Encontro Regional Sudeste 2025 de Ensino de Jornalismo - GT Pesquisa na Graduação.
Professora Orientadora: Ana Paula Goulart de Andrade

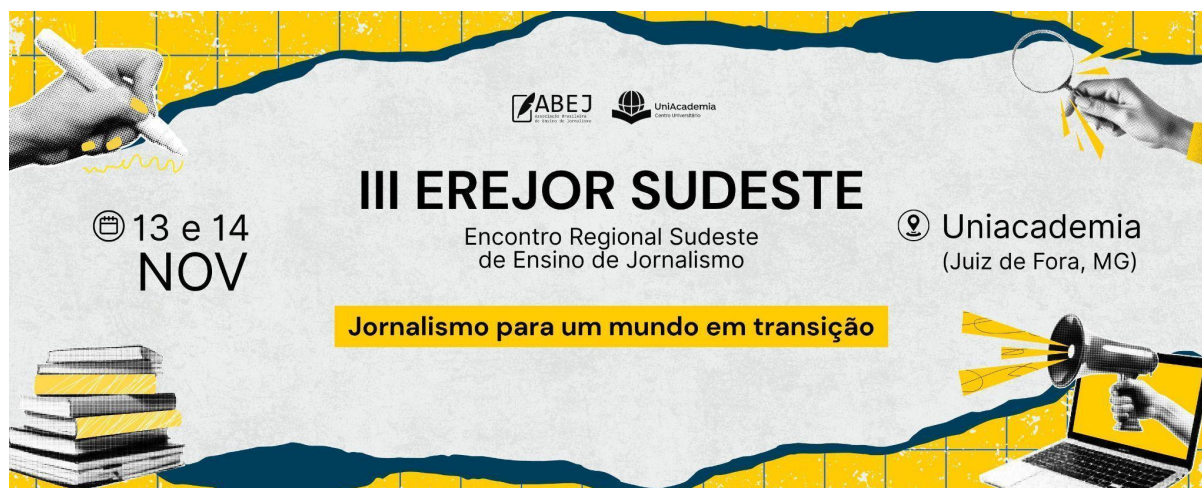
² Graduanda do Curso de Jornalismo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ. E-mail: michelly.espindola@hotmail.com



De acordo com reportagem do site *Globo.com*, pela primeira vez o telejornal contou com a presença de 27 jornalistas de todos os estados brasileiros e do Distrito Federal. Nomes como Márcio Bonfim (Pernambuco), Aline Aguiar (Minas Gerais), Lucimar Lescano (Mato Grosso do Sul), Neide Almeida (Amazonas) e Vanessa Koppe (Rio Grande do Sul) representaram um marco simbólico na história da televisão, ao dar visibilidade a sotaques, tons de pele e trajetórias profissionais antes restritas a espaços regionais³. Essa “pretensa pluralidade” apontou para a lógica de uniformização ao deslocar o eixo Rio–São Paulo e revelou a potência de um jornalismo mais democrático, aproximando-se daquilo que Lévinas (1997) define como alteridade - ou seja, o reconhecimento radical da existência do outro como sujeito ético, irreduzível e independente da nossa compreensão, que se torna essencial para a prática jornalística em tempos de múltiplas vozes e narrativas.

As primeiras percepções apontam que a ação da Rede Globo não apenas ampliou o reconhecimento do público sobre a diversidade brasileira, mas também reforçou a necessidade de atualização das práticas jornalísticas diante das demandas sociais contemporâneas, sobretudo com o imperativo da participação do consumidor nos diversos fóruns do ambiente digital. Compreendemos que esse movimento significa que, antes de mais nada, a Rede Globo está em busca de novos modelos de negócio para angariar audiência de um público cada vez mais fragmentado nas redes sociais. Ainda assim, reconhecemos um esforço importante dentro de um cenário de desinformação e crise de confiança.

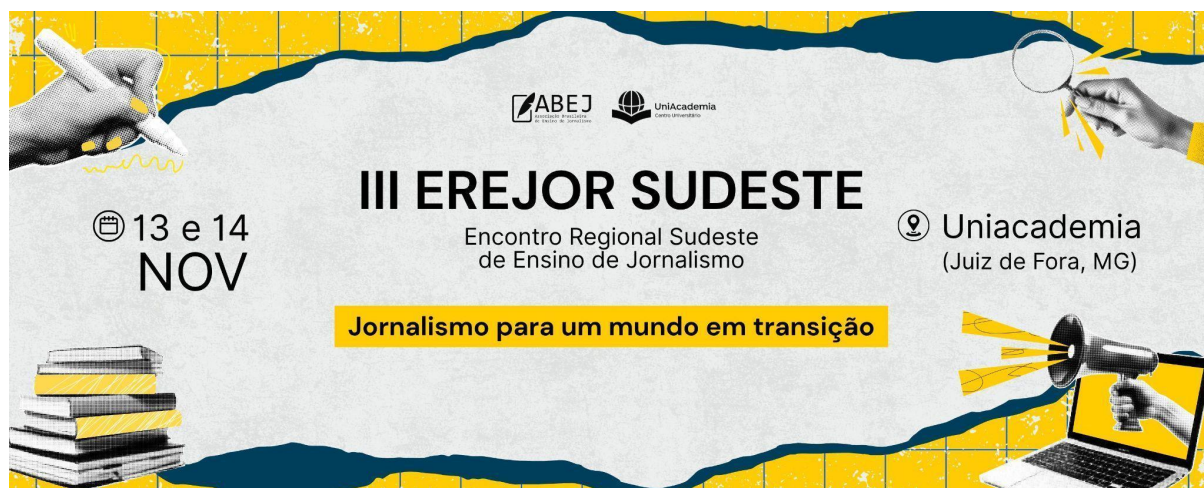
³ Rede Globo. Ações celebram os 50 anos do Jornal Nacional. Disponível em: <<https://redeglobo.globo.com/novidades/noticia/acoes-celebram-os-50-anos-do-jornal-nacional.ghtml>>. Acesso em: 23 out. 2025.



Sendo assim, a presença de múltiplas vozes fortalece a legitimidade do principal noticiário brasileiro e, conseqüentemente, da imprensa. Muniz Sodré (2021) destaca que: “a identidade coletiva (étnica, religiosa etc.) pode ancorar questões relevantes no tocante à luta pela hegemonia das representações sociais ou à visibilidade de estratos populacionais relegados a graus rebaixados da cidadania” (p. 210). Assim, o projeto dos 50 anos do JN pode ser compreendido como uma ruptura e uma possível permanência. A ruptura é identificada considerando um esforço institucional de reconexão com o público, por meio da valorização da diversidade cultural e regional. Já a “possível permanência” não se sustentou ao contemplar apenas o período de agosto a novembro de 2019, sem garantir continuidade à representatividade simbólica e à visibilidade dessas identidades no cotidiano do telejornalismo.

Conclui-se que a pequena amostra analisada sobre a comemoração dos 50 anos do Jornal Nacional representou mais do que uma data histórica: foi um exercício prático de reconfiguração do jornalismo para um mundo em transição. Ao abrir espaço para a diversidade cultural de seus apresentadores, a TV Globo reconheceu que a informação precisa refletir a sociedade em sua totalidade, com suas diferenças, sotaques, cores e trajetórias.

Todavia, por mais que as instituições midiáticas desenvolvam ações que busquem alterar a realidade hegemônica no jornalismo audiovisual, o desafio da pluralidade está longe de ser resolvido. Tanto é que a realidade relatada neste *paper* foi pontual, restrita à celebração dos 50 anos do JN, mantendo-se apenas de forma esporádica aos fins de semana, quase sem visibilidade. Entretanto, o futuro do jornalismo, nesse sentido, dependerá da capacidade de incluir e ouvir, tornando-se um reflexo mais fiel da complexidade do Brasil contemporâneo.



REFERÊNCIAS:

LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e Infinito**. Lisboa: Edições 70, 1997.

SODRÉ, Muniz. **A sociedade incivil**: mídia, iliberalismo e finanças. 1ª ed. - Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2021.

REDE GLOBO. **Ações celebram os 50 anos do Jornal Nacional**. Disponível em: <<https://redeglobo.globo.com/novidades/noticia/acoes-celebram-os-50-anos-do-jornal-nacional.ghtml>> Acesso em: 23 out. 2025.

O GLOBO. **Há 50 anos, “Jornal Nacional” coleciona inovações e grandes reportagens**. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/ha-50-anos-jornal-nacional-coleciona-inovacoes-grandes-reportagens-23908632?utm_>. Acesso em: 23 out. 2025.